



Tomaz Silva/Agência Brasil



Mulher chora em meio a dezenas de corpos enfileirados em rua do Complexo da Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro, um dos alvos da ação policial deflagrada pelas forças de segurança na terça-feira

OPERAÇÃO CONTENÇÃO

Rio conta corpos da mais letal ação policial do país

Ofensiva nos complexos do Alemão e da Penha deixa ao menos 121 mortos. Imagem de dezenas de cadáveres enfileirados em praça mostra a dimensão da guerra deflagrada na terça-feira. Alto Comissariado dos Direitos Humanos da ONU cobra investigação

» VANILSON OLIVEIRA
» RAFAELA BONFIM*
» IAGO MAC CORD*

Dezenas de corpos enfileirados no chão. Dor, desespero e lágrimas para quem precisou identificar um parente no amontoado de mortos nos complexos do Alemão e da Penha, no Rio de Janeiro. A megaoperação deflagrada na terça-feira pelas polícias Civil e Militar, batizada de “Operação Contenção”, deixou ao menos 121 mortos, sendo quatro policiais, ultrapassando a até então maior chacina já vista no Brasil — o massacre do Carandiru, em 1992, em São Paulo, que culminou no assassinato de 111 presos.

Caminhonetes e carros particulares chegavam pouco a pouco, trazendo os corpos para enfileirar nas ruas e becos estreitos das comunidades alvo da operação. Pais, mães, irmãos levantavam os lençóis ou sacos plásticos na tentativa de identificar entes queridos. Parte deles rezava. As imagens chocantes ganhavam os principais noticiários pelo mundo.

O Alto Comissariado dos Direitos Humanos das Nações Unidas (ONU) pediu, por meio da rede social X, investigação do caso. “Essa operação mortal amplia a tendência de consequências extremamente letais das operações policiais nas comunidades marginalizadas do Brasil. Lembramos às autoridades de suas obrigações, sob as leis internacionais de direitos humanos, e pedimos investigações ágeis e eficazes”, enfatizou.

O **Correio** conseguiu contato

com moradores de regiões dominadas por facções criminosas, que têm de conviver com a violência. Por medo, quase todos pediram anonimato, mas Micaella de Oliveira Rocha, 18 anos, que vive em Realengo, decidiu desabafar.

Ela contou que a **operação** pegou os moradores de surpresa, o que acabou causando um pânico ainda maior, pois não se sabia ao certo o que estava acontecendo. “O Rio de Janeiro virou um caos completo, porque começou a fechar todas as vias, e não havia como voltar para casa. Foi desesperador para todo mundo, porque estavam todos no trabalho, muita criança em escola, muita gente na rua. Todo mundo entrou em desespero, porque também não podia ficar na rua”, descreveu. “Começaram a botar fogo em carros, estavam saqueando shopping, mercado. Pararam os ônibus, os motoristas tiveram que atravessar os veículos na rua para fazer barreira. Pararam a Avenida Brasil, que é a principal via da cidade. Eu achei que não fosse conseguir voltar pra casa.” Segundo a jovem, o sentimento é de medo e exaustão.

M. J. S., moradora da Tijuca, Zona Norte, mãe de duas filhas pequenas, relatou que o clima no bairro ainda é de apreensão e medo. “Ontem (terça) estava pior, mas hoje ainda percebemos as ruas vazias e as pessoas com medo. Fui buscar minhas filhas na



Os policiais Heber Carvalho da Fonseca, Rodrigo Velloso Cabral, Marcus Vinicius Cardoso de Carvalho e Cleiton Serafim Gonçalves morreram nos confrontos

Protesto de moradores

Manifestantes obstruíram o trânsito, ontem à tarde, em frente ao Palácio Guanabara, sede do governo do estado do Rio de Janeiro. O ato reuniu motociclistas e moradores dos complexos de favelas do Alemão e da Penha, afetados pela Operação Contenção. “Fora, Cláudio Castro!”, entoavam os manifestantes, referindo-se ao governador.

escola, e já estava esquisito, barulho de lá, tiro de cá. Mas aí deu uma certa hora da noite, tipo nove horas, e você não escutava nem carro passando. Eu moro num lugar onde consigo ver várias ruas, nenhuma alma viva, nem carro, nada. Pouquíssimas pessoas na rua. Ficou aquele clima tenso e estranho”, contou.

O governador do Rio, Cláudio Castro (PL), classificou a operação

como “sucesso”. “Temos muita tranquilidade em defender o que foi feito. De vítima, só tivemos os quatro guerreiros que deram a vida para salvar a população”, declarou, em relação aos policiais.

Segundo ele, todos os mortos em confronto eram criminosos. “Não acredito que havia alguém passeando em área de mata em um dia de operação”, frisou.

O secretário da Polícia Militar

do Rio, Marcelo de Menezes, comentou, em entrevista coletiva, a estratégia da operação. De acordo com ele, as forças de segurança criaram o chamado “muro do Bope”, uma espécie de linha de contenção formada pelos policiais, que entraram pela área da Serra da Misericórdia para cercar os criminosos e empurrá-los em direção à mata, no topo da montanha, onde outras equipes do Batalhão de Operações Especiais (Bope) já estavam posicionadas.

“Distribuímos as tropas pelo terreno. O diferencial, em relação às imagens que mostravam criminosos fortemente armados buscando refúgio na área de mata, foi a incursão dos agentes do Bope na parte mais alta da montanha que separa as duas comunidades. Os policiais começaram a operação entrando no Alemão e, em seguida, foram para o Complexo da Penha. A estratégia foi seguir os criminosos e forçá-los a ir para a trilha da mata”, disse.

A operação, deflagrada para combater o Comando Vermelho, começou pelo Complexo do Alemão, seguindo depois para a Penha, onde os criminosos teriam tentado fugir pela mata. Já no topo da serra, o Bope montou o cerco final. O secretário afirmou que o objetivo da estratégia era “proteger a população e garantir a integridade física dos moradores”, ressaltando que a maior parte dos confrontos ocorreu em área de mata. A troca de tiros começou por volta das 6h e terminou às 21h. Na ação contou 2,5 mil homens, entre policiais e agentes de segurança.

Professor do Instituto de Estudos

Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Iesp-Uerj), José Maurício Domingues foi enfático ao afirmar que a ação pode ser considerada como chacina. “De tanto em tanto, as chacinas no Rio de Janeiro aumentam. Trata-se de reiterar uma política fracassada, supostamente de segurança, que apenas faz violência à população pobre e negra das favelas e periferias do estado”, explicou.

Ele criticou a declaração de Castro sobre o “sucesso” da ofensiva. “Mesmo que as chacinas e a matança indiscriminada em certas áreas não sejam novidade, há algo de novo no conteúdo do discurso de Castro, que comemora uma ação com número absurdo de mortes e defende publicamente práticas contrárias à Constituição e ao direito brasileiro, como execuções sumárias.”

Para a especialista em segurança pública e ex-presidente da Comissão de Segurança da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF) Ana Izabel Gonçalves de Alencar, a operação acabou se configurando como uma espécie de execução sumária. “O próprio governador afirmou que encurralou os suspeitos na mata e depois eles foram mortos. Isso extrapola qualquer limite legal e coloca em risco também os policiais”, avaliou.

Segundo a especialista, a operação foi desproporcional. Ela afirmou que, embora o objetivo fosse combater as ações das facções, a população se tornou o maior alvo. **(Colaborou Giovanna Sfalsin)**

*Estagiários sob a supervisão de Cida Barbosa



Manifestantes protestaram em frente à sede do governo do Rio



Parentes entravam em desespero ao reconhecer mortos na ação



Caminhonetes e carros carregavam corpos retirados da mata